



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 18 DE OUTUBRO DE 2001

Eu, vendo esse microfone, aqui, digo: meu Deus do Céu, será que vou ter que fazer um grande discurso para seguir aqui as palavras do Ministro Francisco Weffort, ser tomado pelas palavras e não controlá-las?

O Ministro Weffort, que é um leitor de clássicos, se lembrará do que Trotski dizia a esse respeito. Trotski dizia que o grande orador, quando começa a falar – não é o nosso caso –, de repente, a voz que sai é a dele, mas quem está falando é Deus, porque é tomado pela voz divina e, então, ninguém segura mais.

Bom, quando descia aqui esta rampa, eu comentava com o Gustavo Dahl e com o Ministro Pedro Parente que um velho político brasileiro, quando a pessoa ia começar a ler o discurso, dizia: “Dá aqui que eu leio em casa.” Mas é mais perigoso não trazer por escrito, porque, aí, você não sabe quando vai terminar. E para quem é Presidente da República já há alguns anos, como eu, que ouve discurso o tempo todo, nada mais inquietante do que isso. Mas achei boa essa observação: “Dá aqui que eu leio em casa”, porque o discurso do

Ministro Pedro Parente merece ser lido em casa. Foi um discurso cheio de substância. Para quem é novato na matéria, fiquei surpreso, digo: eu não vou poder falar mais nada, porque ele, que é novato, já sabe tudo isso. Estou perdido.

Só tenho que agradecer, que é o que estou fazendo. Agradecer a vocês todos pela colaboração que prestaram para que chegasse essa agência. E certamente augurar que ela tenha um caminho, como foi hoje traçado aqui, que o Gustavo Dahl seja capaz de levá-la adiante nesse ritmo.

Vamos nomear mais três pessoas. Uma deve ser mulher, pelo menos uma. Temos que ter de várias áreas do Brasil, porque nós precisamos integrar o cinema. E é tão interessante essa questão do cinema brasileiro. Enquanto o Gustavo falava, com esse entusiasmo que lhe é próprio, sobre o cinema brasileiro, eu pensei: talvez só a música popular tivesse um movimento semelhante, a MPB e o cinema brasileiro. É uma entidade que vocês inventaram e nós interagimos com essa entidade. Mas isso é importante.

Isso tomou força, tomou corpo. Não são produtores isolados, artistas isolados ou manifestações culturais isoladas. Há um movimento social em torno do cinema brasileiro.

E, aí, o cuidado dessa agência. Não vou me referir ao modo como ela vai funcionar porque o Ministro Pedro Parente já mostrou, aqui, com precisão. Também não vou me referir às aspirações que nós temos para ela porque os três que falaram mostraram com precisão.

Vou só fazer um pequeno diálogo com o Gustavo. Percebi que não posso falar de cinema porque o Ministro Pedro Parente sabe mais do que eu. E nem de Sociologia, porque o Gustavo disse que o sociólogo não gosta de acelerar a história. E eu vivo dizendo de brincadeira, aqui: vamos acelerar o processo histórico. Nós o estamos acelerando hoje.

Prefiro ser mau sociólogo e acelerar o processo histórico do que ser bom sociólogo e ficar, simplesmente, vendo as coisas passarem. Estamos, realmente, fazendo com que as coisas se transformem.

E, nessa transformação, certamente essa modalidade que estamos adotando, aqui, no Brasil, de reorganização do Estado brasileiro, da administração pública é, precisamente, para poder responder aos

desafios do presente e para poder criar mais condições de gestão. Para que todos os burocratas possam ser como é o Ministro Pedro Parente, como é o nosso querido Everardo Maciel, que de burocratas só têm a função, porque, na prática, são pessoas que gerem. E todo gestor que quiser ser empreendedor tem que ter imaginação.

A gestão moderna implica capacidade de prever, de imaginar, de sonhar, como disse o Gustavo, de ter uma utopia, para que as coisas possam mudar. Mas implica, também, essa percepção que foi repetida por todos, de que a realidade existe. Há contingências econômicas e estruturais de todo tipo, e é preciso que se tomem em consideração os dois lados: o da mudança, o do sonho, e as condições para que se construa um caminho e não apenas um conjunto de palavras bonitas, que recebem o aplauso mas a partir das quais nada se concretiza depois.

A formação dessas agências foi uma tentativa de resposta que estamos dando aos desafios de um mundo em que a velocidade do mercado é muito grande. E das informações também. Portanto, a velocidade das demandas é muito grande também. E a ossificação das estruturas estatais, no sentido antigo, de burocracias, no sentido não técnico, no sentido pejorativo quase, impede respostas mais rápidas.

O Gustavo disse que a cultura, o cinema têm que ser incubados pelo Estado. Eu diria que têm que ser incubados na sociedade, muito mais do que no Estado.

Ainda recentemente vimos aqui um filme chamado *Os filhos do paraíso* – é isso? –, iraniano. Um filme muito interessante. Certamente, ali não havia Estado nenhum, mas havia uma sociedade. A gente percebia ali uma série de questões que estavam sendo postas de uma maneira admirável – pelo menos eu achei –, com muita pobreza de meios para fazer o filme. Mas havia uma sociedade.

Bom, essas agências são a ponte entre o Estado, no sentido clássico, e a sociedade. Elas têm que ser porosas, têm que ter a capacidade de ser permeáveis para que a sociedade exista dentro delas, sem ser Estado. E, ao mesmo tempo, as agências têm uma ligação com o Estado e até com o Governo por causa das políticas que são do Go-

verno. Não são do Estado, são do Governo, não são só das estruturas perenes da administração, mas são variáveis.

A agência é essa tentativa de dar resposta a esse desafio. E ela nunca pode imaginar que é a incubadeira da arte do cinema. Ela não é. Continuo dizendo: quem tem a capacidade de suscitar essa criatividade é a sociedade. E justamente a agência – por ser mais leve do que a estrutura pesada do Estado e por ter no seu seio setores que são não ligados ao Estado, mas ligados à sociedade apenas, ou outros que são ligados ao Estado – permite essa interação e, portanto, que haja um novo molde de gestão das coisas.

Os que não conhecem nada dizem que isso é neoliberalismo. Os que conhecem dizem que essa é a forma pela qual o Estado pode existir num mundo que mudou e que precisa dele, mas não precisa dele na forma antiga. Mas que não pode, também, se subordinar ao mercado, como se o mercado pudesse ditar todas as regras, porque não pode.

Então, são maneiras novas, que estamos criando, de responder a esses desafios do mundo contemporâneo. Em todas as áreas da administração, em quase todas, nas mais vitais – telecomunicações, energia, petróleo, na questão da saúde –, já adotamos esse procedimento. E, agora, estamos fazendo na questão da Agência Nacional de Cinema.

Não quero dizer mais nada porque, senão, vou cair em contradição com o que eu mesmo disse a eles ao descer a rampa. Pouco, hein? Senão, a fome nos mata. Nós estamos com muita fome, mas não é fome de comer só, não. A comida, aqui, é sempre frugal. A fome é de ver vocês trabalhando com entusiasmo e chegando aos objetivos que foram por todos delineados. De termos um cinema nacional competente, capaz de existir por ele próprio, com aqueles incentivos necessários dados pelas agências e pelo Governo. Mas, sobretudo, que seja apoiado na criatividade desse povo, que vocês expressam tão bem.

Parabéns. Muito obrigado.